



Revista Tópicos Educacionais

E-ISSN: 2448-0215

revistatopicoseducacionais.ce@ufpe.br

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil

Silva Santos, Alexandre

O ENSINO DE LITERATURA EM O SENHOR DOS ANÉIS, DE TOLKIEN

Revista Tópicos Educacionais, vol. 24, núm. 1, enero-junio, 2018, pp. 94-111

Universidade Federal de Pernambuco

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672770876005>

Revista
Tópicos Educacionais

ISSN: 2448-0215 (VERSÃO ON-LINE)

**O ENSINO DE LITERATURA EM
O SENHOR DOS ANÉIS, DE TOLKIEN**

**The teaching of literature in Tolkien's
Lord of the Rings**

Alexandre Silva Santos
Universidade Federal do Amazonas-UFAM
alexandresantosp@gmail.com

Resumo

O presente artigo discorre sobre uma proposta de ensino de literatura na educação básica, no que tange a apreensão por parte do aluno do que é o gênero romance, cuja escolha se deve dele encerrar uma visão macrocóspica daquilo que nos é palpável. Em outros termos, é o tipo de texto que serve de espelho para o povo, ao estado no que tange a imagem fiel de uma sociedade. Para desenvolvimento do estudo foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, adotando como caminho metodológico a abordagem reflexiva. Utilizou-se como norteadores para discussão do tema, apontamentos de Teresa Colomer, em *Andar entre livros: a leitura literária na escola*, de 2007; Massaud Moisés, em *A criação literária - poesia e prosa*, de 2012 e os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, de 2008; aplicado à obra de Tolkien (2001) *O senhor dos anéis*.

Palavras-chave: Literatura, Ensino, Romance.

Abstract

This article discusses a proposal for teaching literature in basic education, regarding the student's apprehension of the romance genre, whose choice should be based on a macrocosmic view of what is palpable to us. In other words, it is the kind of text that mirrors the people, the state regarding the faithful image of a society. To develop the study, a bibliographic research was carried out, adopting the reflective approach as the methodological approach. The following were used as guidelines to discuss the theme, notes by Teresa Colomer, Walking between books: the literary reading at school, 2007; Massaud Moisés, in The literary creation - poetry and prose, 2012, and the National Curriculum Parameters of Portuguese Language, 2008; applied to the work of Tolkien (2001) The Lord of the Rings.

Keywords: Literature, Teaching, Romance.

1 Introdução

Em tempos de surtos tecnológicos e midiáticos em que estamos inseridos, a literatura possui um papel urgente e inevitável de oferecer o acesso aos caminhos que proporcionam a compreensão de modelos culturais, valores existenciais e condutas sociais que transitam em uma sociedade inerte nos tentáculos desse traço da modernidade.

Nessa conjectura, o professor vivencia um conflito de base: o que vem a ser a literatura para os alunos em geral, quando se entende que boa parte deles não terá condições (e talvez nem mesmo necessidade) de seguir em um curso superior? A maioria não seguirá adiante em seus estudos. E para aqueles poucos que o farão, a lista de livros estipulada pelos vários exames vestibulares constitui uma espécie de motivação compulsória.

Nesse sentido, a educação literária serve para as novas gerações na incursão em debates permanentes que as conduzirão à construção dos sedimentos necessários para o confronto nas áreas mencionadas. É neste tipo de aprendizagem que há a fruição do saber pela arte.

Diante do exposto, o ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Brasil tem sido um desafio que docentes vivenciam nas salas de aula, haja vista os alunos seres células de um organismo social que possui como prioridades o consumo e o materialismo. Por isso, formar pela escrita da literatura os discentes de hoje requer um diálogo entre professores, escola e família, no intuito de existir uma integração de conhecimentos.

Assim, este visa abordar na obra *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien (2001), a compreensão de noções básicas do entendimento do gênero narrativo romance, em um ambiente de sala de aula, para alunos da nona série do Ensino Fundamental II e aos do segundo ano do Ensino Médio, para que eles possam compreender que este tipo de texto realiza pela sua pluralidade dramática uma recriação e criação de mundo, uma representação da realidade factual.

Em outras palavras, o anunciado é uma proposta de ensino nas aulas de Literatura para introdução de um gênero que, como costuma ser apresentado em sala aula, as

chamadas “leituras obrigatórios para o vestibular”, não é bem aceito pelos jovens leitores por conta da falta de hábito da leitura deste tipo de escrita, ou ainda por este tipo de produção ser de natureza complexa. Nisso, há a dificuldade em entender a linguagem do texto literário ou não estabelecer uma relação daquele com a sua vida.

Observa-se que pontuamos não o fato de os discente não lerem romances, mas àqueles trabalhados em sala de aula, em específico a forma como é trabalhado. A escolha de um romance para leitura se deve a ele encerrar uma visão macrocóspica daquilo que nos é palpável, no qual o ficcionista se esforça por abracer ao máximo em amplitude e profundidade informações relevantes para a construção plural da dramaticidade que o texto exige. Em outros termos, é o gênero que serve de espelho para o povo, ao estado no que tange a imagem fiel de uma sociedade.

Diante disso, parte-se do princípio que a construção social, cultural do indivíduo e do coletivo perpassa pelos poemas, peças de teatros, contos, novelas de cavalaria, crônicas e romance como exemplos de consolidação de uma linguagem carregada de uma mentalidade da expressão do pensamento abstrato, afinal, a manifestação da experiência humana agrupa a participação em um sistema simbólico de interpretações da realidade, de tal modo que somente por conta dessa compreensão a existência passa a ser entendida.

Dessa forma, percorre-se o caminho trilhado pelo pensamento de Teresa Colomer, em *Andar entre livros: a leitura literária na escola*, de 2007; Massaud Moisés, em *A criação literária - poesia e prosa*, de 2012 e os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, de 2008, para fins de argumentação do proposto pelo estudo.

Por isso, a predileção de *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien (2001) deve-se a popularidade dessa obra por parte da faixa etária de indivíduos de 13 até 18 anos, por conta da adaptação ocorrida para o cinema. Isto não é o nosso enfoque. Também pelo enredo constituir-se de orcs, elfos, magos, trolls, anões e demais personagens que motivam o imaginário de potenciais leitores da literatura.

Nisso, o objeto de estudo proporciona aos discentes a apreensão dos mais variados ambientes, do linguístico ao histórico. Com ele, os aprendentes poderão ter a oportunidade de possuir o gosto pela leitura de base literária, aprimorando a linguagem

nativa e agregar valores relevantes para constituição de sua visão de mundo e personalidade, conforme o nicho em que cada um está inserido.

Para a realização deste caminho de análise foi elaborado um estudo bibliográfico, utilizando-se de fichamentos para a compilação dos dados necessários e resenhas críticas e descritivas, através das leituras de Antônio Cândido, em *Formação da Literatura Brasileira*, de 2009; *Diretrizes Curriculares na Educação Básica*, de 2008, para que fosse possível a construção de uma abordagem reflexiva a ser mais explicado no tópico "Material e Método".

Por saber que os livros têm o poder de transportar o leitor no tempo e espaço para outros modos de vida, a aprendizagem que se adquire mostra realidades desconhecidas e proporciona o eterno prazer para quem viaja por tais cenários, ao viajante oferece-se o exercício da experiência da leitura e descoberta de sentidos, aumenta-se a capacidade de apreensão de mundo.

Neste contexto, o ensino dessa exercita a língua e estimula a imaginação, ela cumpre papel de transformar e reconfigurar a realidade, por meio da ficção, oportuniza ao homem descobrir o sentido da existência e compara e relaciona as situações vivenciadas pelos personagens literários com a realidade circundante.

2 O romance e o ensino de literatura

Ao se pensar ou produzir a literatura, o romancista, poeta, contista, dramaturgo, crônica, escritor de um modo geral precisa tratá-la enquanto expressão da questão social, cultural e identitária de uma época, não alienada da existência e dos problemas humanos, pois o fazer literário é capaz, por meio da linguagem, de mostrar, discutir e, no melhor dos casos, contribuir para a transformação de determinadas circunstâncias negativas de uma realidade.

O escritor não deve prever ou conjecturar passivamente, mas se comprometer e projetar novas perspectivas. Nas palavras de Antônio Cândido:

[...] as manifestações artísticas são inerentes à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário a sua sobrevivência, pois [...] elas são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual. São, portanto, socialmente necessárias, traduzindo impulsos e necessidades de expressão, de comunicação e de integração que não é possível reduzir a impulsos marginais de natureza biológica.(CANDIDO, 2010, p. 79).

Nesta perspectiva, a modernidade tem sido o palco da desarmonia, afinal, temos mais acesso aos dramas humanos nesse período do que em qualquer outro. Nesse contexto, nas palavras de Compagnon (2001), a literatura exerce um conhecimento especial, pois além de humanizar, através do que ela oferece, pode-se "... compreender e regular o comportamento humano e a vida social." (COMPAGNON, 2001, p. 35).

Quando se realiza a tradução de nossa realidade pela expressão, apontamento de Cândido (2010), podemos com maior facilidade apreender traços do comportamento humano. Sendo assim, no que tange ao gênero romance, conforme Moisés (2012), este gênero da literatura "... deve ter se originado do provençal **roman**, decorrente da forma latina **romanicus**, que entrava na composição do falar romano, latim estropiado no contato com os povos conquistados por Roma." (MOISÉS, 2012, p.381).

Logo, surge como um exercício da ficção que visava traduzir a realidade daquela época em diversos aspectos das ações do homem. Com efeito, durante a Idade Média, essa palavra, romance, designava a língua usada pelos povos dominados. O termo passou a ser utilizado depois para indicar o modo de falar do povo em oposição ao modo de falar culto.

No decorrer do tempo, a expressão caracterizou o gênero textual do povo, em oposição ao erudito e rotulou composições literárias de cunho folclórico e popular, de caráter imaginativo e fantasista. No período da história mencionado, tem-se como exemplo os romances de cavalaria, atribuído às proezas dos cavaleiros andantes, ou temas amorosos, ou os relacionados as práticas da moral e bons costumes.

Em síntese, o romance é a representação de um espírito que surge diante de uma quebra de estruturas sociais e culturais. Segue pela outra linha dos gêneros narrativos literários, aquela que não percorre a tradição aristotélica da epopeia. É a expressão da

burguesia que varre a Idade Moderna, desde o Renascimento aos dias atuais, com ápice no período do Romantismo, substituindo o modelo grego mencionado.

Assim, em consonância com Moisés (2012):

Vimos que o romance e a epopeia apresentam afinidades, decorrentes de procurarem edificar um visão totalizando do Universo. Desde os fins do século XVII até os dias que correm, o romance substitui a epopeia, mas trata-se de uma substituição recente: data de pouco mais de 200 anos, simultânea ao advento do Romantismo, que lhe conferiu estrutura, função e sentido no interior das sociedades modernas. (MOISÉS, 2012, p. 388).

Em suma, o romance é aquele objeto da arte literária que mais do que conhecer o mundo, produz complementos do mundo, corroborando o pensamento do crítico Umberto Eco (2001), que em *A obra aberta* discorre a respeito da produção da Arte, e do também crítico da literatura Antoine Compagnon, em *Demônio da teoria*, de 2001.

Diante do exposto, quando há a expressão dessa área artística pelo romance, deve-se possuir o entendimento de que ele é o produto da literatura que nasce dentro da modernidade e que "...tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária na era moderna, precisamente porque, melhor que todos, ele, que expressa as tendências evolutivas do novo, ele é, por isso, o único gênero nascido naquele mundo e em tudo semelhante a ele." (BAKHTIN, 2000, p. 400).

Em virtude disso, essa produção é o fenômeno de um insurgimento da literatura contra a realidade, apresentando uma imagem que a sociedade muitas vezes recusa reconhecer-se. É o caminho que expõe valores, códigos de conduta, costumes e crenças que refletem variados traços da historicidade.

Quadro esse que observa as práticas culturais do indivíduo e coletivo a partir de atividades sociais e disso entende que a cultura é a construção de um significado de ações variadas, envolvendo crenças, costumes, tradições, saberes de um modo geral.

Conforme Leila Perrone Moisés (2000), a geração atual faz parte desse reflexo da reprodução visual caracterizada por ser "... dominada pela tecnologia e pela economia de mercado." (2000, p.12). Mediante este cenário, a Literatura passou a ser considerada

mercadoria para alguns, para outros um adorno escolar, para terceiros uma disciplina responsável por trazer "livros chatos", matéria de leitura.

Em poucos ela ainda configura a compreensão do mundo e faz a rearticulação dele. Nesses, a aprendizagem através da leitura por meio dos textos literários. Segundo o que Perrone expõe:

Na sociedade atual, letrada, o mundo apenas é plenamente compreendido com a completude dinâmica da leitura, ou seja, é necessário que o indivíduo consiga libertar as palavras da cadeia de seu sentido cotidiano, vivenciando o processo de rearticulação da aprendizagem da leitura que se dá principalmente no encontro com a escrita literária. Em suma, se todo projeto educacional pretende a construção de uma cidadania que pressupõe responsabilidade social e consciência crítica, o conhecimento das literaturas na língua materna se faz prioritário. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 12)

Nessa prioridade estabelecida, deve-se avaliar o aluno e o seu desempenho dentro de diretrizes e parâmetros estabelecidos, oficialmente definidos, porém, por conta de vestibulares e processos seletivos correlatos, escolas e professores quando ensinam a literatura, realizam a prática da memorização de personagens, resumos de enredos, ao invés da verificação da experiência de leitura dos textos literários, dentro de contextos culturais, sociais e políticos.

Como resultado, há mais aulas de gramática e redação, em detrimento do ensino de literatura na maioria dos estabelecimentos que trabalham com educação básica. Falta a aplicação do projeto que Perrone-Moisés (2000) expõe, ou seja, o uso de tarefas que motivem os discentes à reflexões e curiosidade imaginativa pela leitura.

Nesse sentido, ao se trabalhar com uma obra já bem conhecida graças ao cinema, como é *O senhor dos anéis: as duas torres*, de 2001, escrito por Tolkien, a versão a ser utilizada como proposta de aula é a textual, por entender que o material cinematográfico é limitado ao expor a trama em comparação ao escrito, porque no primeiro as cenas das ações são sequenciais e fechadas quanto interpretações e reflexões. Já no segundo, a interpretação e reflexão são motivadas pela imaginação no decorrer dos acontecimentos.

Sendo assim, o adolescente já possui uma experiência com o enredo do texto que permitirá a ele saber dizer quem são os personagens centrais, o espaço e a trama, ainda que no senso comum, mesmo sem ter feito uma leitura mais apurada do romance, graças ao conhecimento da intriga por conta da adaptação que ela sofreu no cinema.

Este perfil de discente saberá informar que o livro faz parte de uma trilogia de escrita pelo britânico J. R. R. Tolkien (2001). É conhecido da parte dele que a saga começa como sequência de um livro anterior, *O Hobbit*, e logo se desenvolve numa história muito maior.

Partindo da premissa que o jovem educando apenas conheça as informações sobre a obra a partir da versão cinematográfica, o professor pode começar a mediação sobre o entendimento do gênero romance, explicando que embora Tolkien (2001) tenha planejado realizá-la em volume único, foi originalmente publicada em três volumes (The Fellowship of the Ring, The Two Towers e The Return of the King) entre 1954 e 1955, e foi assim que se tornou popular.

Desde então foi reimpresso várias vezes e foi traduzido para mais de 40 línguas e vendeu mais 160 milhões de cópias, tornando-se um dos trabalhos mais populares da literatura do século XX. A todas essas informações, os alunos podem ter acesso, conforme direção docente na primeira aula sobre o conteúdo teórico mencionado e utilizando essa obra como exemplo.

Dessa maneira, em um trabalho de contextualização para quem não conhece o enredo ou de relembrar para quem já possui algumas informações a respeito da narrativa, a intervenção do docente inicia-se pela comunicação de que as ações se passam em um local, chamado de **espaço narrativo**, entendido no enredo como Terra Média.

Neste ambiente, existe um grande tirano, Sauron, o único senhor dos anéis que busca o completo domínio de todos os povos livres que ainda a ele resistem, representados por Legolas, Boromir, Aragorn, Frodo e outros. Todos eles constituem uma narrativa carregada de células dramáticas para enfatizar a jornada de um coletivo que deseja livrar-se do grande mal que representa o primeiro personagem mencionado inicialmente.

A partir desse momento, o aluno passará pelo processo de humanização e apreensão do que é o gênero romance, pois ao iniciar esse saber, nas palavras de Cândido (2009), entrará no exercício da reflexão, no senso da beleza estética do texto, haverá "... a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor." (CANDIDO, 2009, p. 249). Com isso, compreenderá um dos objetivos desse tipo de produção literária.

Neste contexto, em três aulas, trechos do livro serão apresentados aos alunos, no sentido de serem feitas exposição sobre a definição de um romance, que consiste em uma representação total do mundo. Ao fim dessa primeira aula, o educando aprenderá que a obra de Tolkien (2001) é **uma narrativa longa** "... de acontecimentos arranjados em sua sequência temporal." (MOISÉS, 2012, p. 481).

Após este momento, outra etapa começa: a de o jovem compreender a necessidade das categorias desse tipo de narrativa, para que seja perceptível quais aspectos da realidade ele totaliza. Isto é, classificado em romance psicológico, histórico, costumes, urbano, regionalista, intimista, fantástico e demais divisões.

Essa estrutura textual pressupõe uma visão a respeito da realidade e vice-versa, a sua respectiva cosmovisão implica em criar, recriar e configurar a existência de tal modo que haverá revelações de variadas facetas da natureza, ainda que o ambiente seja ficcional, a partir das classificações expostas no último parágrafo.

Nisso, o docente poderá explicar a técnica narrativa da **verossimilhança** e **inverossimilhança**. No primeiro caso será exposto ao aluno ser a capacidade que o texto tem de recriar na ficção a realidade, sem alterá-la. Quanto ao segundo, a construção do real, ao longo do enredo somente será possível dentro do próprio tecido da intriga.

Por sua vez, nos dramas dos personagens, assume-se um caráter universal, posto eles serem representações humanas. Ainda nas palavras de Massaud Moisés (2012), este tipo de composição textual "[...] abstrai da realidade viva uma estrutura orgânica, ao fazê-lo procura imitar o mundo e a natureza para extrair do orgânico dinâmico daquela realidade." (MOISÉS, 2012, p. 488-489).

Porquanto, será assimilado que essa narrativa emerge de uma determinada realidade histórica, cultural, mítica, social e até mesmo política e não tem a obrigação de

fazer um registro fiel dela. O escritor é um deus que cria mundos possíveis apenas no enredo, mas os sedimentos são do real extratexto.

Por conseguinte, os personagens, como Frodo e Legolas são os resultados de relações sociais, via linguagem, corroborando com Vygotski (2001) que não se deve só considerar nesse raciocínio a linha natural, biológica, mas cultural, social dentro da historicidade humana, para que haja vínculos de sentidos no enredo.

De tal forma, no romance de Tolkien (2001), consoante avanço da leitura, o aluno poderá compreender esse tipo de mimetização de algum traço da realidade a partir dos diálogos, descrições e relações de tempo e espaço presentes no enredo, como por exemplo, que a obra não é uma mera distração, mas uma crítica à modernidade, à escuridão que tomou conta dos dias atuais. (SANTOS, 2014, p. 35).

Esse traço de mimese que o autor realiza é compreensível na medida em que se observa ter sido ele contemporâneo às duas grandes guerras, e de mudanças no escopo urbano e tecnológico que ditaram um outro ritmo de vida para gerações daquela época.

Sendo assim, o avanço e consolidação desse cenário para um quadro de supervalorização do progresso herdado do positivismo, dos ideias da Revolução Francesa e de outros áreas do saber científico resultaram em um sentimento de frustração, por parte do autor.

Em síntese, Tolkien (2001) fará dessa postura uma **alegoria**, cuja metaforização ganhará sustento e argumentação no trajetos dos magos Saruman e Gandalf, devido eles expressarem o papel da Ciência, que ao invés de salvar, ceifa vidas com o seu avanço tecnológico, movida pela ambição do homem. Toda essa contextualização pode ser exposta ao aluno em uma segunda aula, para que ele compreenda com mais precisão como o romance totaliza o mundo.

Dessa maneira, começará o jovem a entender que nessa visão macro da trama, Tolkien (2001) apresenta os Orcs como uma representação da corrupção humana, o homem seduzido pelo poder e ganância. Saberá ler o aluno que ents, águias gigantes significam o repúdio da natureza frente a devastação ao meio natural provocada pelo progresso.

Para tanto, será possível fazer esse indivíduo aprimorar o entendimento também do que é Literatura, à proporção que o mesmo apreender que o literário acontece pela palavra impressa ou escrita.

Com efeito, o aluno estará inserido em uma das competências do ensino de mesma: a) analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos da linguagem aos seus respectivos contextos; b) dominar os textos de natureza literária, segundo os estilos de época, gramaticalidade, função à luz de sua tipologia; e c) estabelecer relações de intertextualidade entre os textos de ordem cultural, temática e estrutural. Este estudante poderá mediar a sua existência a partir das convicções que o texto se manifestar em sua respectiva natureza humana.

Destarte, o professor, além de ser aquele que ensina o conteúdo, é o mediador da experiência da leitura, caso possua uma relação prazerosa com ela poderá materializar o sistema de símbolos próprios do ato de ler. Essa arte da expressão por meio da linguagem verbal é o local da reflexão e nela deve ser pautada.

Assim, a narrativa de Tolkien (2001) corrobora com as definições de romance apresentadas quando o autor revela que a narrativa seja parte integrante do mundo humano, mas não no tempo atual do leitor. Trata-se de uma trama alternativa à historicidade do homem, abordando quaisquer aspectos dela no intuito de compreender os elementos que constituem a sociedade moderna.

Em diálogo com Colomer (2007), após todo esse contexto, o ensinar deve "...priorizar o desenvolvimento da competência literária do aluno - leitor, através da leitura e da formação de instrumentos interpretativos, baseado nos elementos que configuram a obra." (COLOMER, 2007, p. 25).

Logo, o estudante perceberá que ler literatura é ter a oportunidade de se sensibilizar aos indícios da linguagem e converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, ele será capaz de analisar e julgar diversas situações de mundo.

Na medida em que ele mergulhar nessa situação, perceberá na passagem que Gandalf, Frodo, Legolas e outros buscam um caminho seguro e curto para chegar à

Montanha da Perdição, eles entram, nas antigas escavações dos anões e despertam uma criatura há muito esquecida em sua condenação, balrog.

Neste momento, é possível voltar ao campo teórico sobre o romance e expor ao aluno que um **personagem** sendo a representação humana na ficção deve passar pelo confronto interno a fim de se obter maturidade, igualmente verídico na realidade fora da narrativa. Eis o trecho:

O balrog alcançou a ponte. Gandalf parou no meio do arco, apoiando-se no cajado com a mão esquerda, mas na outra mão brilhava Glamdring, fria e branca. O inimigo parou outra vez, enfrentando-o, e a sombra à sua volta se espalhou como duas grandes asas. Levantou o chicote, e as correias zuniram e estalaram. Saía fogo de suas narinas. Mas Gandalf ficou firme. — Você não pode passar — disse ele. Os orcs estavam quietos, e fez-se um silêncio mortal. — Sou um servidor do Fogo Secreto, que controla a chama de Anor. Você não pode passar. O fogo negro não vai ajudar-lhe em nada, chama de Údun.¹⁵ Volte para a sombra! Não pode passar. O balrog não fez sinal de resposta. O fogo nele pareceu extinguir-se, mas a escuridão aumentou. Avançou devagar para a ponte, e de repente saltou a uma enorme altura, e suas asas se abriram de parede a parede, mas ainda se podia ver Gandalf, brilhando na escuridão; parecia pequeno, totalmente sozinho: uma figura cinzenta e curvada, como uma árvore encolhida perante o início de uma tempestade. Saindo da sombra, uma espada vermelha surgiu, em chamas. Glamdring emanou um brilho fraco em resposta. Houve um estrondo e um golpe de fogo branco. O balrog caiu para trás e sua espada voou, partindo-se em muitos pedaços, que se derreteram. O mago desequilibrou-se na ponte, deu um passo para trás e mais uma vez ficou parado. — Você não pode passar! — disse ele. Num salto, o balrog avançou para cima da ponte. O chicote zunia e chiava. — Ele não pode ficar sozinho! — gritou Aragorn de repente, correndo de volta ao longo da ponte. — Elendil! — gritou ele. — Estou com você, Gandalf! — Gondor! — gritou Boromir, correndo atrás dele. Nesse momento, Gandalf levantou o cajado e, gritando bem alto, golpeou a ponte. O cajado partiu-se e caiu de sua mão. Um lenço de chamas brancas se ergueu. A ponte estalou. Bem aos pés do balrog se quebrou, e a pedra sobre a qual estava caiu dentro do abismo, enquanto o restante permaneceu, oscilando, como uma língua de pedra estendida no vazio. Com um grito horrendo, o balrog caiu para frente, e sua sombra mergulhou na escuridão, desaparecendo. Mas no momento em que caía, brandiu o chicote e as correias bateram e se enrolaram em volta dos joelhos do mago, arrastando-o para a borda. Ele perdeu o equilíbrio e caiu, agarrando-se em vão à pedra, e escorregou para dentro do abismo. — Fujam, seus tolos! — gritou ele, e desapareceu. (TOLKIEN, 2001, p. 344)

Nesse percurso da trama, o docente no papel de mediação e leitura dirigida da obra expõe que essa mudança decorrente do confronto é visível pela simbologia das cores. Isto é, Gandalf, o cinzento, recentemente passou pelo processo de reflexão ao procurar Saruman, o branco, detentor de todas cores, líder da ordem dos magos da Terra Média; ao perceber a corrupção de seu companheiro devido o mesmo ter se aliado à Sauron, quebra a hierarquia ao qual estava submetido e decide lutar contra o mal que ameaçava a região.

Dessa forma, lidera os grupos que resistiam ao jugo da escuridão. Neste ponto da obra, apresenta-se o trecho destacado anteriormente e ao longo da luta com Balrog, o cinzento vai despontando para fagulhas de luzes, saindo de vez da sombra e neutralidade, atributo dado ao cinza, e ressurgindo mais adiante no enredo como Gandalf, o branco, brilhante em imposição ao jugo das trevas.

Após toda essa mediação, as noções iniciais de romance, como sua função, contextos e diálogos possíveis ficarão mais compreensíveis no discente e é provável que o estimule a ler integralmente a trilogia, ao invés de permanecer apenas com a perspectiva dos filmes.

3 Material e Método

O presente estudo realizou-se por meio de uma abordagem bibliográfica, partindo da leitura inicial de *O Senhor dos anéis: as duas torres*, de Tolkien (2001), e secundariamente nas obras *A personagem da ficção*, de Antônio Cândido (2007), *A criação literária: poesia e prosa*, de Massaud Moisés (2012), *Teoria da literatura*, de Vitor Emanuel Aguiar e Silva (1973), Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Amazonas e Parâmetros Curriculares Nacionais de Linguagem, ambos de 2008 e 2000, respectivamente.

A seguir foi realizada uma leitura informativa e objetiva das referências mencionadas a fim de dar procedimento na coleta de dados concernentes ao tema abordado neste artigo. Assim, o ato de ler foi concretizado sob a perspectiva de um caminho reflexivo e argumentativo para que pudessem ser levantados os sedimentos necessários ao processo de criação do estudo.

Para tanto, foram construídos fichamentos de tais obras e textos acadêmicos relacionados a área de ensino de literatura em diálogo com as diretrizes básicas da educação no Brasil. Com o propósito de sistematizar os dados obtidos para a realização de investigações em outras fontes, pesquisas foram materializadas nas áreas de História e Sociologia, para compreender a natureza contextual e histórica do romance.

Diante do exposto, houve uma síntese acerca das leituras feitas, estas a serem descritas com precisão nos tópicos "Referências" e "Obras Consultadas", como resultado de uma compilação das informações pertinentes ao desenvolvimento do estudo.

Sendo assim, adotou-se como critério de produção das etapas mencionadas, o método reflexivo ao confrontar a tese e antítese dos informes obtidos por conta das pesquisas concretizadas. Este contexto caracterizou a primeira etapa da realidade de elementos que constituem essa proposta de ensino.

Com isso, realizou-se um levantamento e discussão de problemas relacionados à mensagem obtida dos autores, no intuito de desenvolver e proporcionar uma discussão para um caminho a ser trilhado ao ensino de literatura na educação básica, possuindo como amparo os teóricos mencionados no corpo introdutório deste texto,

Paralelamente, utilizou-se ainda de conhecimentos plausíveis oriundos da Teoria da Literatura, Literatura e Sociedade, Ensino de Literatura, Literatura Fantástica, como suporte para planejamento das aulas na área que agrupa esses saberes no Colégio Martha Falcão, em Manaus, no ano letivo de 2017, no estado do Amazonas, Brasil.

Após a exposição acima, foi concretizado o segundo passo da pesquisa, em que consistia na aplicação de todas as informações para que fosse possível a materialização desta proposta de ensino por meio de artigo científico com a finalidade de contribuir aos estudos literários no tocante ao ensino, enquanto uma ferramenta de aprendizagem, no segmento do Ensino Fundamental 2 e Médio da Educação Básica.

4 Considerações finais

A enorme e permanente popularidade de *O Senhor dos Anéis* levou a numerosas referências na cultura popular à criação de muitas sociedades de fãs da obra de Tolkien (2001) e na publicação de muitos ensaios sobre o autor e seu trabalho.

Consoante Colomer (2007), os livros ajudam a saber "... que as imagens e as palavras são representações do mundo da experiência, de modo que as ilustrações, por exemplo, diferem da realidade; os alunos reconhecem os objetos desenhados nas formas." (COLOMER, 2007, p. 52).

Isto acarreta em afirmar que através de sua trilogia, Tolkien (2001) incentivou milhares de jovens quanto ao gosto da leitura e por meio de um livro detentor de uma história extensa, com inúmeros personagens que se entrelaçam ao decorrer do enredo, faz em uma das partes mais intrigantes da história, como um mago de nome Gandolf confiar nos Hobbits e saber que apesar de serem pequenos e de possuírem um estilo de vida pacata, podem fazer grandes ações – esses seriam a representação dos elementos que dão o "acesso à linguagem escrita e supõe um avanço na possibilidade de simbolizar a realidade." (COLOMER, 2007, p. 53).

Com isso, a apreensão desses elementos do enredo agregados a partir da noção do que é um romance, o aluno poderá ir além da leitura superficial da trama, que consiste na jornada de Frodo ir levar o anel para a destruição. Saberá enxergar o externo ao texto, a relação com a sua realidade global e estabelecer vínculos com a individual.

Na medida em que a presença da literatura no Ensino Médio tende a responder a desígnios estranhos à vida dos seus interessados e recém chegados no ato de sua leitura. Muito mais que argumentar, descrever e narrar, suas ações no processo de aprendizagem do discente irão tornar dinâmicos os referentes externos ao texto, através da imaginação desse jovem leitor.

Assim, o educando exercerá o conhecimento literário no papel de ajudar na construção da personalidade e na capacidade de alterar a visão que se há de mundo, haverá nisto uma integração em apreensão de culturas letradas e expressão artística para esse estudante.

Dessa forma, ao se utilizar o romance, que é o gênero oriundo da modernidade, realizar-se o caráter de humanização que a Literatura exerce, tanto do ponto de vista social, quanto cultural, via linguagem escrita. Isto se deve ao fato de ela sensibilizar os pavimentos trilhado ao longo da vida.

O gênero narrativo escolhido corrobora ainda a ideia de que essa expressão da Arte é o local da reflexão e a moradia do desejo de se expressar que cada indivíduo possui. As combinações existentes nesse tipo de texto, conduzirão o discente a apreender que o romance não se encerra em uma ação única, mas um período único, referindo todos acontecimentos que surgem ao longo do tempo da trama.

Dessa forma, nas palavras de Umberto Eco (2001): "... a literatura mantém a língua em exercício e, sobretudo, a mantém como patrimônio coletivo", oferecendo, ainda, "...um modelo de verdade, ainda que imaginário" (ECO, 2001, p. 12) que homens de épocas e locais diferentes seguem buscando.

Em outras palavras, isto significa afirmar que os efeitos comunicativos elevam a obra a um estado de fruição, através de uma dialética entre o leitor e o texto na interpretação de um fato da realidade factual.

Com isso, uma rede de significados é estabelecida na execução dessa fruição, segundo Eco (2001), em uma perspectiva individual de uma situação existencial, cultural, social, política a partir de um contexto apresentado no romance, gênero textual na trilogia de *O Senhor dos anéis* de Tolkien (2001).

Dessa maneira, a natureza desse conjunto expressivo é de natureza ficcional, a literatura é o evento da linguagem que de forma ordenada, utiliza os elementos combinatório relevantes a fim de promover pontos de articulação entre ficção e realidade.

Diante disso, o poder demiurgo do romancista resulta primeiro em utilizar ao máximo de liberdade no uso de informações do factual para depois atribuir novos sentidos ao cenário que criou. Eis o romance, de um lado; e de outro, o leitor-aluno enquanto o indivíduo que irá povoar esse novo mundo.

O bom ensino de literatura acerca dos gêneros narrativos literários proporcionará ao aluno o saber de que essa leitura é portadora do lúdico e do prazeroso, além de carregar informações na trama que fazem uma representação verossímil e inverossímil da realidade humana.

Mais precisamente, dialogará a aula a partir da proposta pelo PCN de linguagem, que orienta o professor a ser o mediador do aluno na compreensão de que o texto literário faz parte da sua construção de personalidade, na medida em que apresenta uma visão de mundo.

Em outras palavras, faz do ensinar literatura, algo integrado na área da leitura e dos estudos dos gêneros discursivos, porque o docente ao apresentar a obra de Tolkien (2001) fará o discente aprender que ela é um romance, e para que este texto é utilizado, bem como a função e contextos culturais em que ele foi, pode e deve ser inserido.

Em uma sociedade carente de heróis e heroínas, resta a sensibilização de pessoas comuns. Anti-heróis surgem de subúrbios e zonas urbanas, que em atos de sobrevivência cometem o grave pecado do heroísmo, tão fora de contexto hoje.

O romance é o espelho desse drama, é a nova epopeia da modernidade, sem indivíduos sobre-humanos, constituído de seres falhos em uma época fragmentada.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões da literatura e da estética**. São Paulo: Hucitec Editora, 2000.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. 1750-1880. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2009.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007. Trad. Laura Sandroni.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

ECO, Umberto. **Obra Aberta.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária - poesia e prosa.** Rev. Atual. São Paulo: Cultrix, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Em defesa da literatura. In: **Folha de São Paulo.** Caderno Mais, 18.06.2000. p. 11-13.

SANTOS, A. A. R. dos. O senhor dos anéis: uma crítica à modernidade. *Boletim História* n.03.Mai/Jun, 2014. Pág, 32-42.

TOLKIEN, J.R.R. **O Hobbit.** São Paulo, Martins Fontes. 2000.

TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis.** São Paulo, Martins Fontes. 2001.

TOLKIEN, J.R.R. **Contos Inacabados.** São Paulo, Martins Fontes. 2002.

VYGOTSKI, L. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martin Fontes, 2001.

Obras consultadas

AMAZONAS, Secretaria do Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa,** 2008.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** In: Vários Escritos. 4. ed. São Paulo: Duas cidades, 2004. p.169-191.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas tecnologias.** Brasília: MEC, 2000.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance:** um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica. 34.ed. São Paulo: Duas cidades, 2000. Trad. José Marcus Mariani de Macedo.

SILVA, Vitor Emanuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura.** 8.ed. Coimbra: Almedina, 2011.